

*Nas
curvas do
cotidiano,
encontro a
essência do
meu-nosso
ser...*



JANELAS DE MINH'ALMA

RUTH DOS SANTOS BARACHO DE MOURA

RUTH DOS SANTOS BARACHO DE MOURA
(AUTORA)

EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA BRAGA
FERNANDA PAIXÃO DE SOUZA GOUVEIA
(ORGANIZADORES)

Janelas de Minh'Alma

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Revisão: Os autores

Capa: Freepik

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M929j Moura, Ruth dos Santos Baracho de

Janelas de Minh'Alma [recurso eletrônico] / Ruth dos Santos Baracho de Moura ; organizadores: Eduardo dos Santos de Oliveira Braga, Fernanda Paixão de Souza Gouveia. - Santo Ângelo : Metrics, 2025.

70 p.

ISBN 978-65-5397-289-6

DOI 10.46550/978-65-5397-289-6

1. Literatura brasileira - Poesia. I. Braga, Eduardo dos I. Sturza, Santos de Oliveira (org.). II. Gouveia, Fernanda Paixão de Souza (org.). III. Título

CDU: 869.0(81)-1

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

| | |
|---|--|
| Dr. Charley Teixeira Chaves | PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil |
| Dra. Cleusa Inês Ziesmann | UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil |
| Dr. Douglas Verbicaro Soares | UFRR, Boa Vista, RR, Brasil |
| Dr. Eder John Scheid | UZH, Zurique, Suíça |
| Dr. Fernando de Oliveira Leão | IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil |
| Dr. Glaucio Bezerra Brandão | UFRN, Natal, RN, Brasil |
| Dr. Gonzalo Salerno | UNCA, Catamarca, Argentina |
| Dra. Helena Maria Ferreira | UFLA, Lavras, MG, Brasil |
| Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana | UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil |
| Dr. Jenerton Arlan Schütz | UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil |
| Dr. Jorge Luis Ordelin Font | CIESS, Cidade do México, México |
| Dr. Luiz Augusto Passos | UFMT, Cuiabá, MT, Brasil |
| Dr. Manuel Becerra Ramirez | UNAM, Cidade do México, México |
| Dr. Marcio Doro | USJT, São Paulo, SP, Brasil |
| Dr. Marcio Flávio Ruaro | IFPR, Palmas, PR, Brasil |
| Dr. Marco Antônio Franco do Amaral | IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil |
| Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira | UFBA, Salvador, BA, Brasil |
| Dra. Mércia Cardoso de Souza | ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil |
| Dr. Milton César Gerhardt | URI, Santo Ângelo, RS, Brasil |
| Dr. Muriel Figueredo Franco | UZH, Zurique, Suíça |
| Dr. Ramon de Freitas Santos | IFTO, Araguaína, TO, Brasil |
| Dr. Rafael J. Pérez Miranda | UAM, Cidade do México, México |
| Dr. Regilson Maciel Borges | UFLA, Lavras, MG, Brasil |
| Dr. Ricardo Luis dos Santos | IFRS, Vacaria, RS, Brasil |
| Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz | UFPA, Belém, PA, Brasil |
| Dra. Rosângela Angelin | URI, Santo Ângelo, RS, Brasil |
| Dra. Salete Oro Boff | IMED, Passo Fundo, RS, Brasil |
| Dra. Vanessa Rocha Ferreira | CESUPA, Belém, PA, Brasil |
| Dr. Vantoir Roberto Brancher | IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil |
| Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva | ULOYOLA, Sevilha, Espanha |

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Sobre a autora..... | 11 |
| Prefácio | 13 |
| Miserar pra ser..... | 15 |
| | |
| Vivências e reflexões: nas curvas do cotidiano, encontro a essência do meu-nosso ser..... | 19 |
| Vivendo..... | 21 |
| Oxigênio limitado | 22 |
| Berço esplêndido | 23 |
| Almas diluídas | 24 |
| Depressão..... | 25 |
| Silêncio | 26 |
| Real valor | 27 |
| | |
| Amores e desamores: nos braços do amor, navego entre tempestades e calmarias... | 29 |
| Janelas da alma | 30 |
| Depende | 31 |
| Gosto de gostar | 32 |
| Teu aroma no ar | 33 |
| Reflexo embotado..... | 35 |
| A moldura de você | 36 |
| Relacionamento abusivo..... | 37 |
| Saudades de meu pai | 38 |
| Saudades da tua voz..... | 39 |
| Adorador..... | 40 |
| Sempre juntos | 41 |
| Vinho seco | 42 |

| | |
|---|-----------|
| EJA e a jornada educacional: nos bancos da escola, encontrei a voz que transformou meu destino... | 43 |
| Professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro | 45 |
| Processo da EJA..... | 47 |
| Bullying | 48 |
| Felicidade | 49 |
| Informática | 51 |
| Rima das histórias | 52 |
| | |
| Natureza, sociedade e sentidos: entre o verde e o concreto, busco o equilíbrio do meu-nosso ser... | 53 |
| Robomano | 55 |
| O brilho do escuro | 56 |
| Cativeiro | 57 |
| Somos Terra | 58 |
| O homem e a natureza | 60 |
| Prédio tombado..... | 62 |
| Estrada de barro | 63 |
| Reclusa..... | 64 |
| A força do consumismo | 65 |
| Céu sombrio | 67 |
| Estresse na terra..... | 68 |
| | |
| Posfácio..... | 69 |

Sobre a autora



Ruth dos Santos Baracho de Moura

Mulher preta, periférica, poetisa, casada, mãe, avó, bisavó e filha de pais nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Bolsista e Pesquisadora do projeto “Escrevivências na EJA” no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Duque de Caxias. Escritora de livros que integram a coleção “Escrevicências na EJA”.

Prefácio

Este livro é um convite para mergulhar nas experiências e na alma inquieta, observadora e inspiradora de Ruth Baracho, uma autora e pesquisadora emergente cujas vivências como estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) *campus* Duque de Caxias impulsionaram a sua construção como poetisa. É um testemunho potente de como a educação pode transformar e inspirar expressão artística e reflexão profunda.

Ruth Baracho traz em seus versos uma sensibilidade ímpar para traduzir pensamentos, reflexões, desabafos e histórias – suas e de outros – em palavras que tocam o coração e a mente. Sua jornada como autora começou nas salas de aula do IFRJ, onde, além de adquirir conhecimentos técnicos em manutenção e suporte em informática, ecoou sua voz poética e o significado das palavras para comunicar experiências e sentimentos. Esse lugar de construção da autora foi intensificado por meio de projetos de pesquisa, cuja estudante atuou como pesquisadora, na interlocução entre as suas experiências na EJA e o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo. Sobre esse projeto, Ruth Baracho também é autora de outros livros que compõe a coleção “Escrevivências na EJA”.

Portanto, este livro conclama e reverencia Ruth Baracho, autora, pesquisadora e, sobretudo, de uma humanidade que nos inspira através de seus escritos. A estrutura deste livro foi cuidadosamente organizada em quatro blocos temáticos, cada um refletindo diferentes aspectos da vida e do pensamento da autora:

Vivências e reflexões - Neste bloco, encontramos poemas que nos convidam a refletir sobre a vida cotidiana, os desafios enfrentados e as profundas introspecções da autora. São versos que capturam momentos de autodescoberta e a busca por significado nas experiências diárias.

Amores e desamores - Os poemas deste bloco exploram as emoções intensas dos amores e romances. Ruth Baracho relata os altos e baixos das relações amorosas, expressando paixões, saudades e desamores com uma autenticidade que ressoa com todos que já amaram.

EJA e a jornada educacional - Dedicado às experiências de Ruth Baracho como estudante da EJA no IFRJ, este bloco celebra a

importância da educação permanente e o impacto transformador do aprendizado. São versos que destacam o crescimento pessoal e as conquistas alcançadas durante essa jornada educacional.

Natureza, sociedade e sentidos - Aqui, a autora explora sua relação com a natureza e oferece uma observação crítica da sociedade. Os poemas abordam questões ambientais e sociais, refletindo sobre a complexa interação entre o ser humano, o meio ambiente e os seus sentidos.

O poema “Miserar pra ser” principia o livro por ser considerado o mais marcante por nós organizadores desta obra. Esse poema transcende temas específicos e se coloca como um ponto de interseção entre todos os blocos que compõem o livro. Nele, Ruth Baracho magistralmente aborda vivências e reflexões, amores e desamores, sua jornada educacional na EJA e as complexas relações entre natureza, sociedade e sentidos.

“Miserar pra ser” reflete a profunda sensibilidade da autora para capturar e expressar a essência das experiências humanas em palavras. Ruth Baracho nos convida a olhar para a miséria não apenas como uma condição material, mas como uma fome existencial que permeia todos os níveis da sociedade, desde aqueles que lutam por subsistência até os que, apesar de abastados, ainda anseiam...

Esse poema encapsula as vivências da autora, suas reflexões sobre a vida cotidiana e os desafios enfrentados. É uma observação aguda das injustiças sociais, um clamor por empatia e um chamado para não ignorarmos a miséria ao nosso redor. Também ecoa a experiência de Ruth Baracho como estudante da EJA, onde ela desenvolveu sua voz poética e seu olhar crítico sobre as disparidades sociais e a busca por um significado maior.

Assim, consideramos que cada poema deste livro é uma janela para a alma de Ruth Baracho, oferecendo um vislumbre de sua sensibilidade e habilidade para capturar a essência das experiências humanas. Ao ler estas páginas, esperamos que você se sinta inspirado, tocado e conectado com as palavras da autora, assim como ela se conectou com suas próprias vivências e as transformou em poemas e poesias.

Eduardo Braga
Fernanda Gouveia

Miserar pra ser

Eu vi o espanto nos olhos da necessidade
Calando a minha boca, silenciou as minhas verdades.
E no submundo, se achou o olhar da miséria
que sentia fome de tudo!

Não é fome que se sente de barriga vazia,
É fome que rico sente até de barriga cheia.

Quando andamos na metrópole da vida,
onde as almas freneticamente se amontoam,
num consumismo que cada vez mais os consome,
usamos o que temos para obter
e obtemos a ilusão de ter.

Esquecendo que nessa casa-abrigo onde existimos,
precisamos nos desprender.
No entanto, nos prendemos,
nos apegando a tudo!

A miséria tinha fome no olhar!
Peço a você:
Ao vê-la, não a ignore!

Nas calçadas da vida,
por onde passamos,
constatamos a mesma miséria,
precisando miserar pra ser!

E, na desculpa do presente de Natal,
tentamos comprar a admiração do prazer de ser admirado.

Vejo a vida passar:
produtos de marca,
tecidos finos,
a miséria na cor da pele que vestimos.

A miséria tem chofer para carregar seus bens
adquiridos nos palácios de ostentação, sem lar!

Parada na calçada, faço essa leitura,
E percebo bem mais do que eu gostaria de enxergar:
Os desfiles apressados,
Os relatórios nos celulares,
Os restaurantes lotados,
As viagens agendadas,
A burguesia se farta!

Nos preparamos para a virada,
e mais um ano para acontecer.
Prometemos mudanças,
mas não mudamos nada!

E esse pai, chamado egoísmo,
por sobrenome capitalismo?
Tem filhos privilegiados,
e outros, não lhe são chegados.

Esses mendigam o pão,
que cai da mesa dos afortunados.

Na faculdade da vida,
existe o kit formação,
e o olheiro que começa levando a informação.

Outros filhos nascem em berço de ouro,
cercados de atenção,
onde a miséria também visita
e, na portaria se identifica,
chamada corrupção!

Quando olhamos pro passado,
não tão longe, aqui do lado,
chegamos a essa conclusão:
um governo que abandona um filho
e, ao outro filho, lhe estende a mão.

Uns tem chofer pra ir à escola,
se graduar,
ter formação.

Outros, chegam remelentos pra fila do bandejão,
onde o prato predileto é salsicha com macarrão,
quando tem festa na casa,
e as migalhas caem da mesa
daqueles que dizem ser meus irmãos.



Vivências e reflexões

**Nas curvas do cotidiano, encontro a essência do
meu-nosso ser...**

Vivendo...

Vou vivendo sem pressa,
Pegando os atalhos,
Relendo meus contos,
Revendo valores,
Vivendo os desencantos
E os desencontros da vida.

Bebo meu vinho
De vários sabores
À espera do nada!
No canto da boca
Mora a ironia na indiferença revelada.

As borboletas virão.
Vou podar meu jardim então.
Disse minh'alma aos meus ouvidos,
atiçando os meus sentidos:
Não desabe as represas.
Elas sustentam teu olhar.
Não permita que as lágrimas desçam,
Elas podem te inundar!

Ah! Se teus olhos quisessem,
Por um instante me buscar,
Eu descansaria a vida,
No aconchego do teu olhar.

Oxigênio limitado

Meus olhos secaram,
Interrompendo minhas lágrimas de caírem.
Uma friagem vinda de toda parte,
Quase chega a congelar!
E entre beijos e abraços,
Numa solidão tão solitária,
Que parece ser a única do lugar.

O desejo de fugir é certo!
O que prende?
Os suportes de socorro?
A máscara de ar?
Onde estão?
Oxigênio limitado!
Cortinas sem palco!
Plateia sem som!

Berço esplêndido

Pela janela do carro fico a observar.

Por um instante penso estar protegida na minha bolha de quatro rodas.
Engano.

O homem se deformou se desumanizando.
Nessa confusão estabilizada busco entender,
Assistindo a população crescer.

Moramos em blocos, já não temos espaço pra viver.
Não se passeia mais com passos pausados...
E os vizinhos dos portões? Cadê?

O sangue que é derramado,
Da criança, do adulto,
Do livre ou em cativeiro,
Saudável ou moribundo.

De braços cruzados, alguns que têm o poder nas mãos,
Veem o rio de sangue passar pela multidão.
Deitados eternamente em berço esplêndido,
Fumando o seu cachimbo da paz.

Como é triste constatar que os valores se inverteram.
O ódio está no lugar.
Amar...
Não serve mais de modelo.

Almas diluídas

As lágrimas têm nome
Elas se expressam e nascem das emoções
Medo
Amor
Aflações
Elas sempre vêm
Silenciosamente gritam e se calam
E quando secas, descem como nó

Assim as vejo
Como almas diluídas
Carregam cargas pesadas
Quase sempre de dor
Estão a dizer o que não conseguimos exprimir
É reconhecida ao se manifestar
E de todos é familiar

Tem poder pra convencer e encantar
Como remédio, lava a alma
Se faz necessária nascer
Desabando as cargas de dentro de mim e de você
As lágrimas reclamam seu espaço
Quando reprimidas
É como um ser que se anula totalmente
E se apresenta grandiosamente
Pra cair, pra descer
Nasce quando sentida e se faz sentir ao nascer

Depressão

Estamos com a incumbência de falar de um problemão
Um caso bem corriqueiro
Que tem chamado atenção

É uma doença da alma
Que destrói qualquer ser
Pessoas pobres e nobres
Do jovem ao ancião

Precisamos olhar com carinho
Pra dor do nosso irmão
Essa doença aniquila
Derruba, joga ao chão
Uns dizem ser frescura
Mas o nome é depressão

Silêncio

Qual o nome do silêncio?

Por certo, se constatou...

O silêncio vale ouro,

Dizia um certo doutor.

Ele entendia de tudo,

E desse jeito ensinou.

Mas, qual o nome do silêncio?

Ninguém se atreveu responder.

As palavras pesam bastante,

Cada qual tem seu poder.

O silêncio também fala,

De quem nada quer dizer.

Quem não se expressa verbalmente,

Fique sabendo, minha gente,

Quem muito cala, consente.

E pra entender desse assunto,

Nem precisa ser doutor.

Só ter ouvidos apurados

E ser bom entendedor!

Real valor

Uma coisa trago comigo.
Nela fico a meditar.
Porque o ser humano
Vive a se atormentar,
Correndo atrás de riquezas que não poderá carregar?
Nu chegou, nu vai embora...
Sem nem a roupa levar!

Vive a vida inteira,
Os anos que Deus lhe dá.
Poucos são os que entendem,
Que a riqueza é do lado de lá.



Amores e desamores

**Nos braços do amor, navego entre tempestades e
calmarias...**

Janelas da alma

Seu olhar me deserdou me excluindo.
Procurei, entre os demais, calor...
Não encontrei.

Busquei um canto pra me abrigar
E me esconder da tua alma,
que me buscava com teu olhar.

Desisti!

Decidi não ter medo do medo que tua alma me dá.
E apenas um olhar....

Subestimei!

Portas abertas e janelas da alma são teus olhos,
Me buscam por todo o canto,
E me desnuda por inteiro,
Revelando o que em mim esconde.

Ainda que amordaçada,
Mas como num grito me expando,
No teu olhar que se expressa me desvirginando.

Não!
Teu olhar não me buscava.
É apenas o meu desejo te procurando.

Depende

Depende do tempo
Depende do jeito
De como falar
Depende do olhar
Sou aguçada pelo teu cheiro que me faz sonhar
Te busco nos meus delírios
Te espero para em teus braços me acalmar
É o conforto que preciso
É onde eu quero estar

Depende do tempo
Depende dos teus olhos encontrarem meu olhar
Quero em teus braços adormecer e ficar
Uma lágrima cai e desce a te procurar
Nos meus sonhos não tem espaço pra mais ninguém
Me surpreendo, pois quando imagino que estás perto
Preciso ainda mais te procurar

Gosto de gostar

Me aparece você! Que tempero!
Que gosto me dá do gosto de gostar de querer.
Dá gosto do gosto de gostar de você!

Acordo de um sono que não durmo de tanto pensar...
Você está lá!
Nas melodias que ouço.

Passei perto demais.
Arrepiou, enfraqueci.
Toquei o teu rosto,
que molhado estava pelas lágrimas que de mim desabavam.

Naufraguei!
Com o olhar fixo ficarás.
E num desespero tua foto amassei.

Teu aroma no ar

Passei por seu caminho,
Senti teu aroma no ar.
Quem poderia me arrancar daquele lugar?
Eu não quero sair!
Vou permanecer ali a te procurar.
Pelas janelas, pelos sobrados, pelos espaços do lugar.

Só preciso te ver,
Para aquecer minhas noites frias.
Teu sorriso me faz tão bem!
Que utopia a minha querer alguém.

Como é vazio os dias sem você!
É tão vago esse espaço... não tem cor.
Me arrasto, mendigando um pouco de ti.
Da tua sombra, do teu calor.

Estou só.
A hora passa com lentidão.
Aumentando o meu desespero pra fugir.
Não! Não posso ficar.
Alguém me arranca daqui.

Estou saindo...
Te levo em mim.
Não tenho forças pra insistir.
O que fazer? Se quem eu preciso não está?
Onde encontrar quem eu tanto preciso?
Ele está presente,
Mas nunca esteve ali!
Ali está!

mas não está no lugar... no meu preciso.
Como calar esse coração teimoso que insiste?
Insiste em te querer.

Reflexo embotado

Me busque,
Estou num labirinto.
Ilumine o caminho e me encontre
No desespero dessa espera sem pressa.
Sem dizer nada!
No encanto desse momento, me encante.

Que cor é essa que pintaram minh'alma?
De cor nenhuma? De nada?
Raspo a tinta que desbotada ficara
E minh'alma que outrora vestida,
Agora revelada na tinta,
Que aos poucos escorre desintegrada.

Te vi passar...
Passou como relâmpago.
E como faíscas acende as brasas apagadas pelo caminho.
Me acendeu!
Como furacão, tirou meu chão.
Levantando as estruturas e as certezas confirmadas.
Se perca.
Pra que eu te procure.

Me deixa beber da cachoeira que desaba pelo teu rosto,
Que tempera minha vida
Dando gosto.
Nessa organização desorientada do sorrido dos teus olhos.
No canto da tua boca molhada eu me esconde sem dizer nada.

A moldura de você

Abri as cortinas que entreabertas estavam,
Pra respirar melhor o ar que entra.
Pela janela me deparei com o arvoredo lá fora.
E as lembranças me trouxeram você.

O vento soprou gelado naquele entardecer,
Me trazendo seu rosto moldurado na memória.
O frio se estendeu por dentro de mim.
Despertando um vulcão de uma imensidão sem fim.

Sinto uma tristeza embaraçada.
E o desejo de beijar tua boca,
Não me deixa dormir.

Te busquei em toda parte.
Nessa procura inútil, à espera do nada acontecer.
Você nunca esteve lá.
Entendi que busco um ideal:
O sonho de ser feliz com você.

Relacionamento abusivo

Se você impõe limite
E você não é respeitada
Se destacam seus defeitos
E te faz sentir culpada
Te controla por ameaças
Te humilha, te esculacha
Preste muita atenção ao que está acontecendo
Sofres abuso emocional
E nem está percebendo
Com a mente cauterizada
E a visão embaçada
Nem nota o que está sofrendo
Segue arrastando correntes
Que aos poucos vai te prendendo
Nesse relacionamento abusivo
Que está te adoecendo
Acorda
Ainda há tempo
Aprenda a dizer não
É uma palavra pequenina
Mas te libera de montão
Não vale a pena viver
Essa abusiva relação
Não quer a sua essência
Quer a sua produção
Isso não é amor... é veneno
Que só vai contribuindo
Para a sua desconstrução
Então não perca mais tempo
E saia dessa situação

Saudades de meu pai

Quero voltar a ser menina
E de novo brincar de roda
Depois correr para o meu pai
Meus tempos de inocência se foram
Não voltam mais

Ah! Que saudades do meu pai
Queria só mais um abraço
Um colo quente, um afago
Uma bronca até
Sentir seus braços, ouvir tua voz
Queria voltar a ser menina
Esquecer a dor da pandemia

Pai... aqui está frio
As feridas estão abertas e sangram
Existe um vazio e a incerteza
Não há quem colha as flores

A natureza se prepara para um novo ciclo
Eu só queria meu pai
Seus braços fortes me protegiam
Como é vá todas as coisas
Quando não tenho você aqui

Preciso me sentir amada e acolhida
Me socorre
Estou desvanecendo
A solidão entrou pela porta
E não quer ir
Sinto frio
Que falta meu pai faz

Saudades da tua voz

Cheguei mais cedo em tua casa,
Pra falar contigo a sós.
Preparei tudo certinho,
Escolhi ali um cantinho,
Tô com saudade da tua voz.

No interior da minha alma,
No mais profundo eu mergulhei.
Encontrei muitos entulhos, pedregulhos do passado.
Ah, meu Deus! Pra que guardei?

Com raízes largas e velhas,
Estavam firmes demais.
Se enlaçaram em outros órgãos, .
Minando as minhas forças.
Pra arrancar, não fui capaz.

Depois de muita caminhada,
Na tua casa eu cheguei.
Desembaraça meu caminho,
Não posso andar sozinho.
Vem me socorrer, meu Rei!

Pai, conheces bem minha história
E o que falo para Ti.
Entendi que nessa vida as pegadas que eu vejo
É Deus cuidando de mim.

Adorador

O som daquela voz
Acordou os tímpanos dos ouvidos mais exigentes.
E atraiu os olhares dos mais distraídos de seu público.

Os anjos também estavam ali
E assistiam a tudo juntamente com o povo.
Inesquecível!

A voz daquele jovem adorador adentrou aos céus.
E chegou ao trono do pai.

Não! Não foi o timbrado de sua voz,
Nem o grave ou soprano ou o agudo que se faz.
E sim, no pequeno,
No nada, no menor,
No incapaz.
Que se revela a força da mais bela canção pra Deus, o pai!

Sempre juntos

Passando por caminhos de vinhedos,
Onde me coloco a saborear o vinho que me molha atiçando meu
paladar.
E me fazendo degustar do prazer de estar ao seu lado
E no calor dos teus braços me aquecer.

Quero dormir ao teu lado sempre!
E acordar embalada nesse amor.
Não, não temo a noite fria!
Sei que não estou só.

E se em outra vida que fosse,
Pudesse eu escolher:
Quem de novo seria?
Eu, de novo escolheria você!

Te tatuei em minh'alma,
marcando todo o meu ser de uma forma tamanha,
que já não sei se sou eu ou você.

Estaremos sempre juntos,
Respirando o mesmo ar.
De tão perto de você quero estar!
Vou te apertar devagarinho,
E te falar baixinho:
Como teu amor é bom,
Como me faz bem te amar!

Vinho seco

Tento me livrar de meus pensamentos!
Que tarefa árdua essa fuga, não me reconheço!

Me desconectei e fui arremessada contra uma avalanche de sentimentos.
No impacto, me desintegrei por inteiro.

Tento me reerguer lutando contra esse encanto.
Como roupa desbotada jogada em qualquer canto me sinto.

Bebo o vinho seco,
Que me molha com o gosto amargo de sabor indelicado de desencanto.

Quisera eu ser acolhida no teu calor,
E aquecida como se aquece no edredom.

E essa dor, que antes endurecida,
Se transformaria em lágrimas derretidas,
Num grito silencioso de pranto do nó na garganta.

Numa explosão da alma então reprimida,
Que se anula num canto qualquer,
Buscando no vazio perdido...
Um abrigo, uma aprovação.

O silêncio gritou tão alto,
Que se ouviu do outro lado,
O seu barulho calado,
Nesse silêncio sufocado de perdição.



EJA e a jornada educacional

**Nos bancos da escola, encontrei a voz que
transformou meu destino...**

Professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro

Quando eu entrei no Instituto Federal,
Me sentia uma ostra.
Ferida.
Machucada.
E sangrando muito!

Não sei o que é estar no fundo do poço.
Mas, se é estar abandonada,
Eu estava lá!
Assim me sentia...

Não posso dizer que estava vazia!
Não!
Porque eu estava pesada!
Cansada de puxar correntes!
Preciso de colo, de amigos!
O bullying veio dizer o que estava dentro de mim!
Muita rejeição!

De uma forma inexplicável,
Desabei!
E no papel desabafei,
Meu pesadelo!
Talvez eu não saiba lidar com o fracasso!
Eu sentia contrações...

Chegando no IF,
Dei a luz!
Assim como a mãe que acaba de parir,
E agora tem seu filho no colo
E esquece a dor.

Assim estou...
No lugar de aconchego,
Aceitação!
O abraço que aquece a alma!
Professores, que sem saber, estão curando!

É assim que me sinto entre eles,
Ganhando forças!
Nesse lugar, não encontro somente pessoas que ensinam!
Eles são braços que protegem!
Nos ajudando a dar um passo de cada vez!
Vou ter que voar, eu sei!
Mas, vou forte, revigorada,
Pronta para enfrentar as batalhas da vida.

Docentes, vocês também são médicos,
Que doam parte do seu tempo atendendo o outro.
Verdadeiros sacerdotes entre nós discentes.
Aos professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro,
Sarapuí, Duque de Caxias,
Nós - discentes - tiramos o chapéu!
Estendemos o tapete vermelho e aplaudimos de pé
A esses homens e mulheres que trabalham em prol de nosso crescimento
emocional e intelectual.
O homem com dignidade,
É um cidadão de cabeça erguida.

Processo da EJA

Através da janela do corpo, assisto o desenrolar de mais uma etapa da história.

As janelas da alma me mostram tudo
E me permitem também sentir o outro.

Existe uma linguagem silenciosa de esperança, de encanto.

Uma busca pelo tempo perdido, numa luta incessante pela expectativa do amanhã.

O crescimento interior e a autoestima em alta são fundamentais
E isso nós conseguimos adquirir, nesse processo da EJA.

Nessa vivência, que nos constrói a cada dia nos ajudando a dar um passo de cada vez,

Nos relacionamos e interagimos com as histórias.

Afinal, crescemos juntas nesse caminho de estudo

E nos tornamos famílias com preocupações, com experiências... com vitórias.

Quase que fazemos parte um do outro!

Juntas nos emocionamos.

Nossas histórias são de mulheres que vão à luta, destemidas e que não se cansam.

Mulheres resilientes que tomam rasteiras da vida,

Mas se levantam, sacodem a poeira e dão a volta por cima mesmo.

Mulheres que estão em crescimento.

Bullying

Não tenho boas coisas a dizer de quem pratica o bullying.
É um ferir sem bater!
Uma forma de escarnecer!

Alguém que queira acalento
E precisa ser protegido,
Recebe um abraço quente,
O colo de um amigo.

Mas, se na verdade eu pratico essa maneira de magoar,
O defeito não está no outro, é eu que não sei amar.
Pois, meus olhos só enxergam o que minha alma quer ver.
Se minha alma não vê beleza, a grandeza que está em você,
É porque eu sou o problema, tentando me esconder.

Felicidade

Existem várias formas de sermos felizes
A sala de aula nos proporciona descobertas infinitas
Que nos remete ao passado, ao futuro e, no presente, nos enche de alegria

Observamos a grandeza de Deus em cada ser
Em nossos mestres, cheios de sabedoria... conhecimento
Parecem um rio a transbordar

Quão maravilhoso é ver a dança dos números
Com o professor Eduardo a nos ensinar
E as letras, quantas e quantas vezes elas mudam de lugar

Sabem, vi uma flor a desabrochar
É a aula de arte
Quanto tem a nos falar
Ela faz a imaginação flutuar

Eu tenho um propósito nesse lugar
Quero também crescer e trabalhar
Tô saindo de uma caverna
E começando a engatinhar
E olhem que bonitinho
Os primeiros passos já vou dar

Ah, que delícia é sentir o chão ao pisar
Tenho uma estrada longa a percorrer
Porém meu caminho se enche de luz
É a vida a se revelar

Que tanta gente diferente
Uns vão pra lá
Outros vêm pra cá
Temos os mesmos objetivos
Uns de aprender
Outros de ensinar

Informática

A informática viralizou,
Ela veio pra ficar!
Que tecnologia é essa?
Fez o mundo se apaixonar,
Com tanta facilidade de se comunicar.

Essa tecnologia de ponta
Vem transformando mestres.
É uma ciência avançada,
Que a todos enobrece.

Na área da medicina,
Ela contribui de montão.
Atuando com excelência,
Salvando a vida da população.

Mas essa ciência, minha gente,
Ela não se fez sozinha.
O homem inteligente,
Dotado de sabedoria,
Foi se aprofundando no assunto,
Dominando a categoria.
E olhem, que impressionante!
Virou tudo de pernas pro ar.
A tecnologia, que o homem criou,
Agora vem nos ensinar.
Pois, tudo o que homem quer fazer,
Corre pra lhe perguntar!

Rima das histórias

A filosofia, minha gente
Faz a imaginação borbulhar
Como assim aquele povo
Fazia rima das histórias
Como forma de registrar?

Que coisa linda essa atitude
De nossos irmãos do passado
Mostrando que o futuro
Tá logo ali do outro lado.

Para aqueles que não tem perspectiva de vida
E pensa que tudo acabou
Fique sabendo que nossos irmãos
Outrora já registrou
Os fatos daquela época
Que agora pra nós chegou.

Que beleza esse trabalho
Ele tem seu valor
Tenhamos assim esperança
De um futuro promissor.

Registre em sua memória
O que está aprendendo aqui
São cartas que nos referem
E uma conduta a seguir.

Olhando nossos irmãos
Aqueles lá do passado
Que homens tão inspirados
Nos deixou esse legado.



Natureza, sociedade e sentidos

**Entre o verde e o concreto, busco o equilíbrio do
meu-nosso ser...**

Robomano

A insatisfação toma conta da multidão no comércio da beleza.
As pessoas ficando artificiais, desbotando a alma junto com o cabelo.
Nosso corpo virou obra de arte... ninguém se importa mais com
exageros.
Quando encontramos remanescentes, rejeitamos o modelo.

Nos misturamos com a modernidade, crescendo a competição na
indústria das novidades.

O homem não para!

Nosso alimento demora a madurar e é acelerado o seu desenvolvimento.
Quando está pronto, é preciso retardar o seu envelhecimento.
O homem colocando a sua mão vai modificando o que era bom!
E a essência está por um fio!

Vivendo a especulação de que não estamos só!

As máquinas governando no tempo dos robôs.

Essa bem-vinda tecnologia, que muito nos beneficia, continua
avançando.

Nós vamos abrindo as portas, permitindo seu crescimento mais e mais.
Porém, o homem sufocado de tanto conhecimento, luta pela eternidade,
Impedindo seu definhamento.

Em produtos estéticos, o homem vai se apodrecendo.

Nossos produtos naturais são vendidos aqui, ali!

É preciso procurar... não é fácil encontrar.

Hoje temos processos químicos pra crescer e madurar.

Há pressa pra consumir... há pressa pra chegar.

Foi dada a largada e a pergunta no ar:

Aonde o homem quer chegar?

O brilho do escuro

À noite as coisas se acalmam,
O silêncio faz bem!
A poeira desce,
E tudo procura um lugar de refúgio-descanso.

A noite não precisa ser escura,
Embora o escuro também tenha seus encantos.
O ar que entra oxigenando meus pulmões,
Parecem refinados, os sinto purificados, livres de poluição.

A noite ao relaxar, vejo o mundo se aquietar,
E o escuro é um calmante.
Ouço o meu corpo falando, meus sentidos vibrando,
Momentos de reflexões!
De colocar a casa em ordem!
Avaliando o dia vivido,
E se tudo o que sentiu, fez sentido.
E o dia se foi...

À noite, todas as luzes brilham!
Estrelas, lua, vagalumes...
Enquanto a plateia, dorme!

Cativeiro

Nós humanos não entendemos,
A linguagem dos animais.
Muitos presos em gaiolas,
Que covardia se faz!

As aves têm que voar!
Pra isso Deus as criou!
Engaioladas não cumprem
A vocação que ganhou.

Dizem que prendem as aves para seu canto escutar.
Porém, o que diz esse canto?
Não é de alegria ou prazer!
O seu canto é de dor e de pranto,
se é que se chama de canto o desespero desse pequeno ser!
Pois, pela natureza firmada, suas asas precisam bater.

Pulam de poleiro em poleiro.
Sentem aflição, desespero!
E na gaiola fechada,
Encerra seu cativeiro.

Somos Terra

Percebo o tempo de validade de cada ser
E o encanto de cada anjo ao nascer
A permissão de estar aqui e de viver
Almas que se conectam nesse espaço e tempo
Que se fundem, se encontram
Fazendo um canal
Pra um novo ser

Viajando por uma dimensão
Inexplorada, mas real
Quase sentida, abstrata

Chegamos aqui!
Em construção nessa escola da vida
Estamos!

Pra nos doar, nos perdoar, nos unir
Sermos podados
E aprendermos a dividir
Dentro de uma única composição que nos forma
Somos assim:
Iguais!

Somos terra viva, andando sobre a Terra
Onde nos desfazemos nela
E nos pisamos cada vez mais

Até que essa terra se renda
E se lave de si
Se transformando e voltando a origem e essência

Somos assim

Somos únicos

Somos Terra

Essa terra que gême

Que pede socorro

Essa terra explorada e cansada

De tanto sugada e que continua

Suprida de mim e de você

A Terra dá seus berros avassaladores

Vulcões, tsunamis... é porque tá doendo

Seguimos nos pisando

E recebemos energia e calor

Através desse toque, do pisar a Terra

Nessa ligação conosco

E com outros que estiveram aqui

Nessa Terra suprida de carne humana, como num canibalismo

Precisamos de gentileza, amargura leva ao chão

Porém tenho que dizer

Me perdoem a comparação

Porque levar ao chão é tocar à terra

Sendo essa terra um coração

Pare agora e observe, a riqueza da criação

Essa terra que nos supre, a cada dia nos dando o pão

Ela também é nutrida da nossa carne, sendo isso uma consumação

O homem e a natureza

A natureza foi criada
Com tanta beleza e esplendor.
Das cachoeiras às matas,
Cada um com o seu valor.
O nosso pulmão no Amazonas
Também no oceano se achou.
Sim, lá tem oxigênio!
A ciência já constatou!

E assim, com muito esmero,
Deus fez também as constelações.
Os luminares no céu,
Que dissipam a escuridão.
De dia, o astro-rei,
Aquecendo a Terra-coração.

O homem fica extasiado
Com tanta beleza que vê.
Tem beleza pra todo lado!
Na chuva que cai,
No fruto ao nascer.
Não dá mesmo pra entender
A cabeça desse homem.
Que se deslumbra com o que vê,
Saboreia o que consome.

Como frear essa fera,
Que maltrata a criação?
Precisamos mesmo entender,
Fazemos parte da composição.
Nessa terra de adversidade,

Não temos apenas o bom.
Uns lançam luz, é verdade!
Outros, sombras do mal!
Pois, mesmo deslumbrado
Com tanta riqueza na terra,
Ficamos extasiados
Com o assombro da guerra.

Destroem tanta grandeza,
Pra ostentar os seus bens.
Se esquecem que a natureza
Está se vingando também.
Aplausos para os indígenas,
Que esse pecado não tem!

Prédio tombado

Uma correria de gente
Chegando pra se alistar
Uma fileira de desempregados
Querendo um trabalho arrumar

É gente de todo lado
Chegando de todo lugar
O povo muito animado
Todos vão se empregar

Um grande empenho eles fazem
Mais um prédio é erguido
A correria dos homens
Para entregar o serviço
Que lindo ficou o prédio
Meu Deus, quanto suplício

Passando os anos, senhores
Na história daquele lugar
Imaginem, vêm doutores
Querendo o prédio tombar

Depois de muitos falatórios
A resposta foi não
Com dinamite implodiram
E o prédio veio ao chão
De tanto disse e me disse
Tombada foi sua memória
Erguido com tanto apreço
Marcado ficou na história

Estrada de barro

Que saudade daquela estrada de barro
Do cheiro das matas... os animais
As crianças que brincavam de roda
Não as vemos mais

Elas corriam em volta do carteiro
Com as cartas na mão
O rapaz que rodeava a moça
E se esmerava de toda forma
Em busca de um olhar
Uma atenção
Quando ganhava seu olhar
Corria com o coração na mão
Que alegria
Ganhei seu olhar então

Mas o tempo foi passando
As mudanças foram chegando
As estradas de barro se modificando
Seguimos uma estrada
Que só nos leva
Não nos traz

Saudades do que passou
Saudades do que não foi
Saudades do que não é mais

Reclusa

Um final de tarde belo
No resplendor do sol
Que se prepara
Pra receber a noite

As pessoas e o calor sobre elas, é tudo
Mas a noite vem
O frio e o abandono são sentidos

As despedidas doem
Alguém sempre sente

Não importa o calor que se tenha
Ninguém se prende

Queria estar reclusa
E ser poupada
Não! Eu não fui poupada

Mergulhei num oceano escuro
E quando achei que me encontrei
Entendi que nem estava
Só por ali passei

A força do consumismo

O poder que o dinheiro tem
Afasta grandes amigos
Destroi pessoas de bem
Todos correm perigo

A ilusão de obter
Só faz o homem sofrer
Até constatar que viver
Na verdade, é soltar
Desprender

Ninguém tem tempo pra vida
Os filhos estão a dormir
Eles não nos veem chegar
Eles não nos veem sair

Somos escravos do trabalho
Batalhando nessa guerra sem fim
Muitos filhos crescem ao léu
Sem os pais para os corrigir

Tudo é frio e hostil
A força do consumismo chegou e nos invadiu
Consumindo a família
Que de repente se dividiu

Nessa busca incessante
Trilhamos estradas de pedra
Andando num sol escaldante
Com dores que são constantes

Dói o corpo
Dói todo o ser
A dor que é tão profunda
Está alojada na alma
Remédio não dá jeito
Essa dor só se acalma
Quando em casa me ajeito
Ao lado dos meus rebentos

Céu sombrio

O céu se vestiu de cinza
Nuvens espessas cortadas por raios e descargas de trovões
Os ventos imponentes ameaçam a paz

O céu está sombrio
A chuva desce e traz transtornos
São lágrimas pesadas demais

As lágrimas lavam a terra
E levam com ela vidas de gente... de animais
A beleza que era exposta
Tanta coisa a contemplar
De um momento pro outro...
Se vai

Estresse na terra

A terra sentindo dores
Cansada de labutar
Com esmero, cuida do homem
Lhe dando de alimentar

A terra não tira férias
Não para pra descansar
Parece menopausando
Querendo se aposentar

As florestas pegando fogo
Devido ao calor que há
Desmatamento ambiental
Dificultando seu respirar

As camadas de ozônio
Gritando sem parar
Muitas inquietações
No céu, na terra, no mar

As placas tectônicas resolveram se separar
E, assim, num ato extremo
Os tsunamis no mar acordam enfurecidos
Tirando tudo do lugar

Sem ter dó vai devorando
Triturando o que encontrar
As valas na terra se abrindo
Separando pra lá, pra cá

A natureza em depressão
Recebe da terra informação
E muito estresse pra segurar

Posfácio

Chegamos ao final deste livro, mas a jornada de Ruth Baracho, tanto como autora quanto como ser humano, continua. Ao longo dessas páginas, fomos conduzidos por suas palavras através de uma paisagem rica em emoções, reflexões e vivências. Ruth Baracho compartilhou conosco seus mais profundos pensamentos e sentimentos, criando um elo que nos aproxima de sua experiência pessoal e universal ao mesmo tempo.

Ao escolher “Miserar pra ser” como poema destaque desta obra, ressaltamos a capacidade de Ruth Baracho de transformar suas experiências em uma poesia potente e ressonante. É um tributo à sua jornada e à força de sua voz como autora e pesquisadora emergente. Esse poema, assim como todo o livro, é um convite à reflexão, à sensibilidade e à transformação por meio das palavras.

O livro “Janelas de Minh’Alma” é mais do que uma coleção de poemas; é um testemunho do quanto a educação e a expressão artística podem transformar. Como estudante da EJA no IFRJ *campus* Duque de Caxias, Ruth Baracho encontrou uma nova forma de se comunicar e de compreender o mundo ao seu redor. Sua sensibilidade para capturar e traduzir em palavras suas vivências, desabafos, histórias e reflexões é um presente para todos nós, leitoras e leitores.

Cada bloco temático deste livro nos ofereceu uma janela diferente para a alma de Ruth Baracho. Vimos suas (e de outros) lutas e conquistas no cotidiano, sentimos a intensidade de seus amores e desamores (e de outros), acompanhamos sua jornada educacional e refletimos sobre a complexa relação entre a natureza, a sociedade e seus sentidos. Cada verso é uma peça do mosaico que compõe a vida da autora, e ao juntá-las, podemos apreciar a beleza e a profundidade de sua arte.

Este posfácio é um agradecimento a Ruth Baracho por compartilhar sua voz e sua sensibilidade conosco. Sua capacidade de transformar o ordinário em extraordinário, de dar vida às palavras com tanta autenticidade e sensibilidade, é verdadeiramente inspiradora. Que este livro seja apenas o começo de uma longa e frutífera carreira literária, e que suas palavras continuem a ressoar e inspirar muitos outros.

Obrigado, Ruth Baracho, por nos permitir fazer parte de sua jornada. Que sua escrita continue a reverberar em outros caminhos... com gratidão e admiração,

Eduardo Braga
Fernanda Gouveia

"Janelas de Minh'Alma" é um livro que transcende a poesia: é um mergulho nas emoções, nos questionamentos e nas experiências de uma mulher que encontrou na palavra escrita a força para narrar sua própria história e a história de outras tantas vidas. Dividido em quatro blocos temáticos – vivências e reflexões, amores e desamores, EJA e a jornada educacional e a relação entre natureza, sociedade e sentidos –, cada poema revela um fragmento da existência, um olhar sensível sobre o cotidiano e suas contradições.

Inspirada pelo conceito de "escrevivência", de Conceição Evaristo, Ruth Baracho entrega ao leitor versos carregados de verdade e humanidade, que dialogam com as dores e alegrias do viver, com as memórias que moldam nossa identidade e com as cicatrizes invisíveis que nos transformam. A poesia aqui não é apenas um refúgio, mas um grito de resistência, um convite ao leitor para enxergar o mundo por outras janelas – aquelas que se abrem dentro da alma e refletem a força dos que persistem, dos que sonham e dos que encontram na palavra um lar.

"Janelas de Minh'Alma" é uma leitura que provoca, emociona e transforma. Cada página é um chamado para sentir, refletir e, sobretudo, se reconhecer na vastidão das palavras.

ISBN 978-655397290-2

